

A Terra do Inesquecimento

Olá! O meu nome é Otávio. Eu vivo numa terra muito pequenina, chamada Terra do Inesquecimento. Chama-se assim, porque aqui ninguém se esquece de nada.

Estou farto de viver nesta terra, sinto que já tenho demasiada informação na minha cabeça, e ainda só tenho 12 anos. Gostava de saber como é que os meus pais aguentam, visto que eles já têm 52 anos e sempre aqui viveram. Se quiserem, eu digo-vos o que é que pequenalmocei no milionésimo quarto dia da minha vida (papa cerelac). Ou ainda melhor, o preço da minha segunda chupeta (1,50€).

Com tanta informação na cabeça, sinto-me tonteado. Mais ou menos uma vez por semana, desmaio. Já estou cansado de ir ao hospital, ainda por cima o médico receita sempre os mesmos comprimidos a todos os habitantes desta terra que, por acaso, não fazem efeito nenhum.

Eu estou sempre a pedir à minha mãe para sair deste lugar, mas ela diz que aqui tem emprego e amigos e família... (mas eu nem lhe pedi para vir comigo!)

Hoje tirei o computador da minha mãe (ela diz que eu não tenho idade para ter computador... grrrrrr!) e estive a pesquisar outras terras para onde me mudar: a Terra do Desvalor, a Terra da Sonolentidão, a Terra dos Inutensílios... Depois, sentei-me no meu quarto, a pensar, e cheguei a uma conclusão: na Terra do Desvalor, ninguém tem valor, são todos maus e antipáticos uns para os outros; na Terra da Sonolentidão, ninguém se empenha no trabalho, só comem e dormem; na Terra dos Inutensílios... bem, gostava de saber como é que aparafusam ou martelam.

Resumindo, todas as terras são, no meu ponto de vista, muito piores do que a minha. Por isso, adeus, até outro dia, vou dizer à minha mãe que afinal estou contente por viver onde vivo!!!

A terra do inesquecimento

Era uma vez um país onde tudo o que se escrevia era apagado: as letras, mal nasciam da leve passagem da pena, eram levadas pelo vento; nos diálogos, os travessões desapareciam sem deixar rasto; os pontos e as vírgulas escorregavam do papel e, no fim, as folhas permaneciam em branco.

Esta desescrita agradava a poucos e causava problemas à maioria. Apesar de haver um Governo, as provas provadas de que tinha sido legitimamente eleito não existiam em papel. A Constituição eram 427 artigos por escrever – ou melhor, desescritos – o que permitia aos traidoladões do país levar e destruir os bens dos camponeses e, quando eram julgados, sabiam que os seus defensores inventavam artigos e leis que o juiz desconhecia e tinha de os absolver por falta de documentos para consultar.

Enfim, era uma terra onde o caos reinava e, por isso, Helena, corajosa e inteligente líder de um pequeno bairro, não desistia de invencionar. E se experimentassem oferecer 1000 moedas ao cavaleiro que persaginasse uma solução para o apagamento das palavras? A verdade é que os candidatos apareceram aos milhares e a escolha teve lugar. Afinal, a maioria queria mesmo mudar...

A audiência do primeiro candidato consistiu na apresentação do sabre de luz verde que, segundo o seu inventor, Isengard, criaria, medotormento nos papéis, e faria com que eles prendessem as palavras. Por estranho que pareça, Helena não aprovou os métodos dessa ideia e disse “Desgloriaste, Isengard!”.

Na segunda audiência, o concorrente expôs, perante todos, uma espécie de papiro, que agarraria as palavras, mas também não resultou.

Depois de muitas evidências, experimentações, e tempo perdido, chegou Malekith, que tinha persaginado numa espécie de pena, que continha uma tinta especial, chamando *caneta* ao invento. Helena, finalmente, acreditou nessa solução, entregou as 1000 moedas prometidas, e ofereceu a sua mão em casamento a Malekith, cujos olhos não se desprendiam dos seus.

Depois desse dia, o nome do país passou de “Terra do Esquecimento” para “Terra do Inesquecimento”, um nome, apesar de tudo, muito contestado por alguns.

A Terra dos inutensílios

Perante a escolha de ficar a descansar no seu eterno assento de nuvens ou formar uma colónia de seres, para Ele, inferiores, optou, até para sua própria surpresa, pela segunda hipótese. Queria provar aos seus pares, as divindades gregas e romanas, que não falharia na criação de seres de pensamento próprio, ou estaria apenas aborrecido da monotonia dos céus? Fosse como fosse, estava determinado a fazê-lo e não desistiu até alcançar o seu objetivo.

Enfim, o momento chegou e a criação dos seus humanóides aconteceu. Era fantástico. De repente, a Terra acolheu o Homem e logo dentro dos seus pensamentos cresceram as perguntas “Quem sou?”, “De onde vim?” Parecia que a obra estava completa.

Mas os problemas não tardaram a surgir. As criaturas não sabiam ainda como sobreviver, muitos sucumbiam por falta de energia. Então Deus, generoso, deu-lhes energia - o sol -, as plantas, os animais.

Ainda assim, os homens não encontravam um propósito na vida e, por isso, utilizavam aquilo que Deus lhes tinha dado para destruir a vida dos seus iguais. Começavam a encontrar libertação em atos perversos, quebravam o pacto da criação.

Deus compreendia, desiludido, que o que para Ele poderia ser fonte de entretenimento se tornava um palco de horrores, habitado por inúteis da existência. Falhara na criação de mascotes automovidos, um desperdício de energia para o Todo-Poderoso. Falhara a utilidade das suas criaturas e o Criador deixou de as controlar.

Começava a era da Involução.

Nenhuma coisa é um qualquer nada

Nenhuma coisa é um qualquer nada.
Nenhuma coisa é um qualquer tudo.
Nada será tudo?
Tudo será nada?

Não sei... Tentarei.

Na minha alma vive nada.
Na minha alma vive tudo.

Se a pudesse desabandonar
pensamentear
Ficaria menos sozinha.

E se ela desexistir?

Não a vejo
Talvez a sinta
Ou talvez me minta.

Eu digo:
Ela existe.
Tem o dom da palavra
Ergue ou inesquece a palavra
Ergue ou inesquece o mundo.

E tudo será nada.
E nada será tudo.

Porque *nenhuma coisa é um qualquer nada.*
Este é o segredo.

O musgo é o modo de o muro ser planta

O musgo é o modo de o muro ser planta
De pobre cinzento que a ninguém espanta
Pedra após pedra se irá colorir
E do mais belo verde a sua pele cobrir.

A todas as pedras provocou inveja
Dos xistos do norte ao granito de Beja
E a mais bela obsidiana conseguiu convencer
A ser sua, vegetal, até morrer.

